

AS SANTANAS DA ANTIGA VILA DE SANTA ANA E SANTO ANTÔNIO DO TUCANO

Jadilson Pimentel dos Santos¹

RESUMO:

A cidade do Tucano - Bahia, cujo topônimo, no passado, era Imperial Vila do Tucano guarda em sua Igreja Matriz raro tesouro da arte sacra barroca: uma imagem de Santa Ana Mestra. Esculpi-da em madeira policromada, por mãos de artistas baianos, foi encomendada em Salvador. Além da imagem, a Igreja de Santa Ana também possui dois painéis de valor histórico considerável: uma pintura de teto, de pequena proporção, também com Santana Mestra, e um painel azulejar incrustado no frontão da Matriz, cuja autoria é do mestre da arte da cerâmica radicado na Bahia, na década de 1950: Udo Knoff. Baseado em fotografias, nas obras artísticas encontradas nessa igreja, e em cartas e documentos, esse trabalho pretende analisar a iconografia de Santa Ana, lançando luzes sobre essa questão comparando-a, revelando-a e divulgando-a, essa que é uma das poucas obras que conta a memória das gentes dos sertões e do empreendimento missionário do frei italiano Apolônio de Todí, bem como divulgar o legado material da cidade de Tucano de modo a chamar a atenção no que concerne a proteção desse patrimônio que se encontra ameaçado.

PALAVRAS-CHAVE: Arte religiosa. Iconografia. Igreja de Santa Ana. Tucano.

1 SANT'ANA: HISTÓRIA E ICONOGRAFIA

O culto a Sant'Ana chegou ao Brasil na gênese da colonização. Trazidas de Portugal, as primeiras imagens foram amplamente divulgadas tanto nos cultos oficiais, quanto nos domésticos. Sendo bastante popular, a devoção a Ana se tornou uma das maiores em solo brasileiro, tendo em Minas Gerais, Bahia e Pernambuco alcançado verdadeiras expressões da religiosidade católica oficial e popular.

¹ Mestre História da Arte pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. E-mail: jadangelus@bol.com.br

Tamanha era a devoção à mãe de Maria que alguns mais ortodoxos temiam que o seu culto suplantasse o da filha. Sendo uma santa essencial nas igrejas e lares, cujo poder de interceder junto a Cristo em benefício dos que lhe imploravam favores igualava-se ao da Virgem Maria. Por ser avó natural do Filho de Deus, tinha o privilégio de pedir através do império e não do rogo e súplica como os demais santos.

De acordo com Oliveira (2001, p. 10), se somarmos a essa eficiência uma ampla variedade de funções é compreensível a popularidade de seu culto na Europa no fim da era medieval e sua rápida propagação nos territórios incluídos pelas grandes navegações na esfera da Igreja Católica Romana a partir do século XVI. Ainda conforme a autora, a atribuição básica de Sant'Ana era cuidar e proteger os lares, em especial as mães de família, o que justifica sua presença nos oratórios domésticos de norte e sul do país. No âmbito do culto oficial, sua frequente inclusão em retábulos de igrejas paroquiais e capelas de irmandades, indica as diretrizes específicas da Igreja Católica pós-tridentina.

Sabe-se que Sant'Ana é a mãe da Virgem Maria, cultuada pelos tecelões, ourives, rendeiras, costureiras e especialmente professores, idosos e casais que desejam ter filhos. Também é protetora das mulheres casadas, principalmente futuras mães. Suas devotas grávidas são muito fiéis e fazem novenas à santa durante a gestação. Ela protege as mães durante o parto, para que sejam rápidos e felizes, e ajuda as estéreis a gerarem filhos.

Geralmente, sua biografia enfatiza que Ana e o esposo eram tristes porque não conseguiam ter filhos. Por intermédio de orações, o casal foi agraciado com a bênção da procriação. Infelizmente pouco se sabe a respeito da vida de Sant'Ana. Alves (2005, p. 74), assevera que a história de Santana não se encontra nas Sagradas Escrituras; foi criada a partir de uma tradição que tem sua origem nos chamados escritos apócrifos, como o *Protoevangelho de São Tiago* ou *O Livro sobre a Natividade de Maria*. A partir desses relatos, fica-se a par dos fatos relacionados à vida de Nossa Senhora, desde sua miraculosa concepção, até o nascimento de Jesus.

Ainda em conformidade com o autor, o que se propõe nesses escritos, de cunho apologético, é a defesa da honra de Maria e de sua vida consagrada à virgindade. Neste ponto, a caracterização que se deveria fazer de Santana era a de uma mãe devotada à educação exemplar da filha, direcionando-a no caminho da perfeição, da castidade, da obediência a Deus, e espelhada nos valores

religiosos prescritos nos sagrados livros. Ciente disto, o culto ganha força e propaga a ideia de uma Sant'Ana Mestra ou Guia, temática que seria explorada à exaustão pelos artistas.

Sant'Ana é sempre representada como uma mulher madura, serena, transmitindo seu conhecimento ou guiando a Virgem Maria pelas mãos, quando não a traz no colo. O fato de gerar a mulher que redimiria os homens do pecado original cria uma contraposição às mulheres pagãs, que o poder católico execrou e queimou como bruxas nas fogueiras públicas. Não é à toa que o culto a ela se incrementa e vem a ser oficializado na Idade Média. O culto a Sant'Ana é, portanto, de origem telúrica e popular, não faz parte das Sagradas Escrituras. (FILHO, 2001, p. 147).

Varazze (apud COUTO, 2010, p.119) na sua *Legenda Áurea* não dedicou nenhum capítulo à vida de Ana. O autor só escreveu sobre ela na parte destinada à natividade da Virgem Maria. Relata acerca da dificuldade encontrada por Santana e seu esposo São Joaquim para gerar filhos. Conta, ainda, que Ana casou-se três vezes e teve três filhas de nome Maria. O primeiro marido foi Joaquim, com ele Ana gerou Maria, a mãe de Jesus Cristo. Após a morte de Joaquim, Ana casou-se com Cleofas e teve a segunda filha, ao ficar viúva novamente, Ana uniu-se a Salomé e teve a terceira filha. Sendo assim, Ana não era infértil, apenas demorou ter a primeira gravidez, o que só aconteceu após vinte anos de espera e depois de prometer a Deus que entregaria a filha a seu serviço.

Diferentemente dessa concepção, Megale (2003, p.52) nos informa que Ana não podia procriar, sendo, portanto, estéril.

Casada com São Joaquim, é mãe da Virgem Maria e avó materna de Jesus Cristo. Contam os evangelhos apócrifos que São Joaquim, rico e temente a Deus, era sempre humilhado pelos companheiros porque não tinha filhos. Sua mulher Ana era estéril. Certa vez, cansado de ser recriminado pelos amigos e sacerdotes, sem nada dizer à sua esposa, reuniu seus pastores, levou os rebanhos para o deserto, armando ali uma tenda, longe de tudo e de todos. Ninguém dava notícias e Ana achou que ele havia morrido. Lamentava por sua viuvez e esterelidade. Apesar de abatida com o rude golpe, procurou reagir, apegando-se ao Senhor, a quem orava com grande confiança. Certo dia, quando rezava em seu jardim apareceu um anjo de Deus [...]. Na mesma ocasião, o mensageiro celestial apareceu a Joaquim, dizendo-lhe para voltar à sua casa, pois Ana, sua mulher, dar-lhe-ia descendência [...]. Passados os meses, nasceu-lhe uma menina, que recebeu o nome de Maria.

A devoção a Ana era muito comum no período colonial brasileiro, e, além de inúmeras pároquias erigidas sob sua invocação, são ricos os acervos de imaginária confeccionada em homenagem à mãe de Maria.

Oliveira (2001, p.11), assegura que a defesa da ortodoxia católica contra a heresia protestante também encontrou forma de expressão em outro aspecto particular da hagiografia de Sant'Ana: sua qualidade de “guardiã da doutrina cristã”, indicada pelo seu principal atributo, o *Livro da Doutrinação*, que traz sempre em uma das mãos nas representações isoladas ou fazendo par com seu esposo, São Joaquim. Mais frequente no século XVII, esse tipo de representação sedeu o passo no século posterior ao tema de Sant'Ana-Mestra ensinando a Virgem menina, que conheceu ampla divulgação. Nessa última versão, o livro da doutrina é assimilado às Sagradas Escrituras, das quais, segundo o *Flos Sanctorum* do Frei Diogo do Rosário, Santa Ana tinha “notícia infusa”, ou seja, inculcada naturalmente, sem necessidade de aprendizado.

No universo familiar de devoção doméstica, o culto a Sant'Ana propagou-se naturalmente, em virtude de suas atribuições de protetora da família e modelo de mãe cristã. Afinal, tem papel singular no círculo familiar da - mãe de Maria, sogra de São José e avó de Cristo – e na formação da mais perfeita das filhas, tema traduzido nas diversas versões de Sant'Ana-Mestra, a educadora que ensina a doutrina à Virgem Maria. (OLIVEIRA, 2001, p. 12).

Sendo assim, as representações mais propagadas de Santana na imaginária religiosa brasileira são as Sant'Anas-Mestras, associadas à Virgem menina, e em seguida as Santas-Mães, que integram a Virgem adulta e o Menino Jesus. As Santanas-Mestras apresentam variações subordinadas a diferentes posicionamentos da imagem principal: sentada, de pé em posição estática, ou de pé em movimento. O atributo fundamental que as identifica é o Livro da Doutrina, que a Mãe e a Filha seguram aberto nas representações estáticas, tanto sentada ou em pé, ou quando figura fechado na mão da Virgem menina nas representações em movimento.

Entre as variantes assinaladas, predominam consideravelmente, no Brasil, as representações de Santana-Mestra sentada com a Virgem menina ao lado, muito comuns no Rio de Janeiro e Minas. A variante em pé com a virgem no colo é uma constante em Pernambuco. Já Santana caminhante, que leva a filha pela mão, era mais comum na Bahia, onde é conhecida pelo nome de Sant'Ana Guia.

2 A ANTIGA VILA DE SANTA ANA E SANTO ANTÔNIO DO TUCANO

Dentre os capuchinhos que adentraram o sertão da Bahia, um se destacou especialmente; o frei italiano, nascido em 1747, na cidade de Todi, Itália - Apolônio de Todi. Em 1779, foi designado para missionar em São Tomé, ação não realizada por motivo de doença. Em 1780 veio para a Bahia e, nessa província, trabalhou arduamente durante uma metade de século, tornando-se, ademais, o prefeito do Convento da Piedade no período de 1780 a 1785.

Na acepção de Calasans (1997, p.73), o frei ficou na Bahia para ser mais do que um dos inúmeros religiosos capuchos procedentes da Itália. Permaneceu em nossas terras para lograr o título de apóstolo do sertão. Dir-se-ia que era o “Anchieta sertanejo”, criador de um dos maiores centros de peregrinação e misticismo do interior da Bahia: o Monte Santo. No ano de 1782, após sua chegada à cidade do Salvador, foi ele, exercer por ordem do novo Arcebispo baiano, Dom Frei Antônio Correia, sua ação missionária no sertão da Bahia e de Sergipe.

Santos, (2011. p.180) assevera que o frei Apolônio de Todi, em suas andanças pelos sertões, além da obra missionária que articulava, também, foi um edificador de obras religiosas, bem como um restaurador de igrejas, capelas, etc. É sabido que ele andou missionando em varias comunidades do sertão da Bahia, o qual teria, certamente, levantado obras no ajuntamento das Santas Missões. Dessas obras subsistem, embora reformuladas, o conjunto arquitetônico do Monte Santo, a Igreja de Senhora Santana da cidade de Tucano, bem como o templo de Nossa Senhora do Bom Conselho, situado na cidade de Cícero Dantas.

De acordo com uma carta enviada ao Dr. Baltazar da Silva Lisboa por volta do ano de 1814, sobre a Matriz de Sant’Anna e Santo Antônio do Tucano, criada em 1754, do Governo do Arcebispo D. José Botelho de Matos e cujo primeiro vigário foi o padre Francisco de Souza, diz o autor, missionário capuchinho Frei Apolônio de Todi, que foi de seu próprio punho a restauração Matriz de Tucano.

Conforme Rocha (1987, p.17), as obras de restauro da igreja Matriz imputadas pelo missionário capuchinho Apolônio de Todi tiveram início a partir dos anos de 1791 a 1795 em diante. Ainda segundo sua fala, as imagens dos Padroeiros – Santa Ana e Santo Antônio – foram mandadas fazer pelo próprio Frei Apolônio de Todi na cidade de Salvador.

3 SANT'ANA NO ALTAR

Pelos rincões mais distantes desses sertões do norte da Bahia nada se iguala a formosura e erudição da imagem de Sant'Ana-Mestra da cidade do Tucano. É obra singular. Trazida em lombo de burro da cidade da Bahia até a Antiga Vila de Santa Ana e Santo Antônio. Foi encomenda do mais célebre capuchinho italiano que, no setecentos, missionou por essas paragens: frei Apolônio de Todí. Ana de Tucano é o tesouro-mor dessa cidade. É a obra por excelência do barroco baiano setecentista.

É como um encanto poético. Ali, soberana, coroando a altar-mor, ela encarna o mundo feminino em sua dupla jornada de trabalho. É aquela que educa e cuida da prole. Em pé, com a filha no braço quase na altura dos ombros está em posição de grande esforço, tensão e movimento, pois enquanto sustenta o livro com um das mãos tem ainda que com a outra, segurar e embalar a filha.

É a obra de força considerável na paróquia. E, embora, em outros tempos dividisse com Santo Antônio o papel de padroeiro, findou por suplantá-lo e a conquistar o mérito de ser o único orago da freguesia nos dias atuais.

A Santana patronessa da cidade do Tucano está associada a variadas histórias, as quais, ainda se mantêm vivas no imaginário popular. Contam algumas delas que o resplendor em ouro, que esta trazia cravado no crânio, teria sido um presente do líder do cangaço - Virgulino Ferreira, o Lampião, quando passou pelas terras tucanenses, pois diante da imagem teria alcançado mercês. Outros relatos dizem que um dos párocos mais recentes teria usurpado tal relíquia, colocando no lugar, um resplendor de pouco valor confeccionado em latão.

Fatos verídicos ou não, o que se pode constatar é que com, ou sem seu resplendor de material nobre, a imagem de Ana é, ainda assim, a mais rica e expressiva em detalhes. Embora o templo possua outros exemplares de valor considerável pertencentes ao estilo barroco, é Sant'Ana, que sem dúvida, rouba a cena.

Medindo aproximadamente 1.20 de altura, apresenta expressões típicas da estética barroca do setecentos: movimentação expressiva, tensão facial, contorção da musculatura e rebuscamento da forma. Outro aspecto que chama bastante atenção é a tipologia dos padrões e cromatismos empregados em suas vestes, pois, constata-se pelo tipo de detalhe que se sobressai (florões), que essa

forma de expressão pictórica é típica da Bahia, no concernente à pintura de imagens. (Figuras 01 e 02).

Nela, notamos rica policromia ressaltando-se os tons de vermelho, verde, azul e os múltiplos trabalhos em dourado, destacando-se florões, volutas, elementos fitomórficos, ressaídos, dentre outros.



Figura 01: Sant'Ana Mestra Autoria desconhecida, século XVIII. Fonte: Jadilson Pimentel, 2012.



Figura 02: Sant'Ana Mestra (detalhe). Autoria desconhecida, século XVIII. Fonte: Jadilson Pimentel, 2012.

4 SANT'ANA NO TETO

A pequena pintura à óleo presente no teto da Igreja Matriz da cidade do Tucano trata-se de uma Sant'Ana-Mestra (estática). Diferentemente da Sant'Ana do altar, que também é mestra e está em pé, esta, apresenta-se sentada, tendo a Virgem Menina, que aparece mais crescida, à sua esquerda, segurando, juntas, o Livro da Doutrinação.

Esta composição cuja dimensão é de aproximadamente 1.30 x 2.00 compunha o teto azulado em madeira e salpicado de estrelas que imitava a abóbada celeste antes de ser subtraído e substituído por um em PVC. A disposição da cena pictórica aí representada, está voltada diretamente para o observador e remonta os quadros recolocados de tradição portuguesa, os quais fugiam dos modelos de perspectiva e ilusão de lavra italiana.

Embora seja um pequeno painel que data do século XX, é uma pintura singela de alegre e viva policromia, fazendo-nos rememorar alguns dos exemplares de pintura da escola baiana do século XIX. (Figura 03)



Figura 03: Sant'Ana Mestre, século XX. Fonte: Jadilson Pimentel, 2012.

5 SANT'ANA NO FRONTÃO

A Sant'Ana a qual se contempla no frontão do templo de Tucano faz parte de um conjunto azulejar confeccionado em 1969, cuja autoria é do mestre da cerâmica e da arte da azulejaria – Udo Knoff². A representação iconográfica dessa imagem é deveras semelhante a encontrada no teto da igreja. A diferença reside no fato de que, enquanto na cena do teto a Virgem está com a mão sobre o coração em pose contemplativa, a Virgem do frontispício está com o dedo indicador tocando as escrituras do *Livro da Doutrinação* e lançando olhar para a sua mãe. Dessa forma, deduz-se que, enquanto na cena anterior a aprendizagem já tenha-se verificado, nesta, a ação efetiva-se no momento das trocas de saberes. (Figura 04).

² Horst Udo Enrich Knoff nasceu em Halle, na Alemanha, no dia 20 de maio de 1912. Estudou agronomia e, após a graduação, foi trabalhar em uma companhia de sisal em Lagos, Nigéria. Durante a Segunda Guerra Mundial, fugiu em um navio de bandeira japonesa com destino ao seu país de origem, mas, por conta do bloqueio imposto pela Inglaterra, aportou em Santos, São Paulo, em dezembro de 1938. O desembarque indesejado fez com que passasse mais de cinco anos na cadeia em razão das medidas de segurança adotadas pelo governo brasileiro para proibir a entrada de nazistas no país. Solto chegou a trabalhar como agrônomo em Porto Alegre. Na década de 1950, transferiu-se para o Rio de Janeiro onde começou a trabalhar em uma empresa de cerâmica e a se interessar pelas possibilidades artísticas do barro. Em 1952, foi convidado para expor na extinta Galeria Oxumaré, em Salvador. Encantou-se pela cidade que vivia um clima de efervescência cultural, e decidiu ficar. Nos anos de 1960, instalou o Ateliê de Cerâmica Udo Knoff, em Brotas, e acolheu vários artistas e estudantes. Desenvolveu, ainda, atividades voluntárias em instituições de assistência social, utilizando a arte como meio de terapia e reintegração social. Ao todo, realizou 93 exposições e recebeu diversos prêmios e menções honrosas. Faleceu em 07 de junho de 1994 e foi sepultado no cemitério dos alemães, em Salvador. (CASA COR, 2010, p. 63).

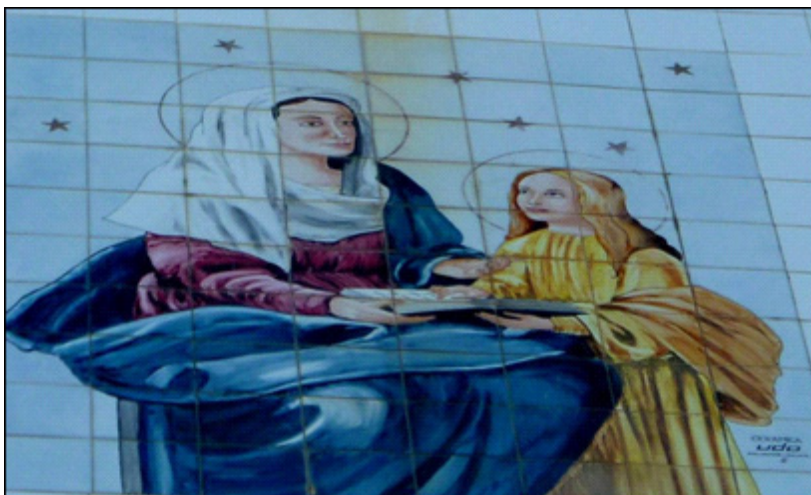


Figura 04: Paineis azulejares contendo Sant'Ana. Autoria: Udo Knoff, 1969. Fonte: Jadilson Pimentel.

6 CONCLUSÃO

A Matriz de Sant'Ana de Tucano guarda em si raros tesouros do barroco, do neoclássico e do modernismo baiano. A trilogia das Anas aqui mostrada traça ainda que de forma breve um certo percurso que vai do século XVIII ao século XX. São obras de valor inestimável para a historiografia da arte brasileira, especificamente a baiana.

Tamanha ênfase desses achados é de suma importância para a preservação da memória e da história das gentes sertanejas, que no decorrer dos processos históricos se viu cerceada de suas mais belas expressões, sendo, muitas vezes, suas vozes silenciadas. Contar sobre esse patrimônio é colocar as freguesias mais remotas dos sertões no cenário artístico da nação, mostrando que essa gente também tinha um gosto refinado e rebuscado, sendo capazes, inclusive, de assimilar e consumir os produtos e tendências vigentes nas capitais, o que de certa forma contrariaria o pensamento de alguns pensadores e cronistas viajantes do XIX e XX que diziam que o sertão estava cerca de duzentos anos atrasado em relação às metrópoles.

É preocupante a maneira como esse patrimônio, especificamente o de caráter móvel, vem sendo tratado nos rincões mais longínquos. Como não são inventariados e tombados, muito desse acervo é subtraído e desfigurado de maneira irreversível, pois para inúmeros indivíduos, inclusive o clero local, tais obras não passam de protótipos antiquados e dissonantes com as novidades do presente.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Célio Macedo. Um estudo iconográfico. In: COELHO, Beatriz (org.). *Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais*. São Paulo: EDUSP, 2005.
- CALASANS, José. Subsídios à história das capelas do Monte Santo. In: *Cartografia de Canudos*. Salvador, Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia/Conselho Estadual de Cultura, 1997.
- CASA COR BAHIA. Salvador: Anual. Ano 2, nº. ISSN 1518-224X.
- COUTO, Edilce Souza. *Tempos de festas: homenagens a Santa Barbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860 – 1940)*. Salvador: EDUFBA, 2010.
- FILHO, Orlando Ramos. Mãe ancestral. In: GUTIERREZ, Angela (org.). *O Livro de Sant'Ana: coleção Angela Gutierrez*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2001.
- MEGALE, Nilza Botelho. *O livro de ouro dos santos: vida e milagre dos santos mais populares no Brazil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro de. *Sant'Ana na imaginaria sacra brasileira*. In: GUTIERREZ, Angela (org.). *O Livro de Sant'Ana: coleção Angela Gutierrez*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2001.
- ROCHA, Rubens. *História de Tucano: 150 anos de emancipação*. Feira de Santana: Bahia Artes Gráficas, 1987.
- SANTOS, Jadilson Pimentel dos. *A arte e a arquitetura religiosa popular do Antônio Vicente Mendes Maciel, o Bom Jesus Conselheiro*. 2011. 262 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador.